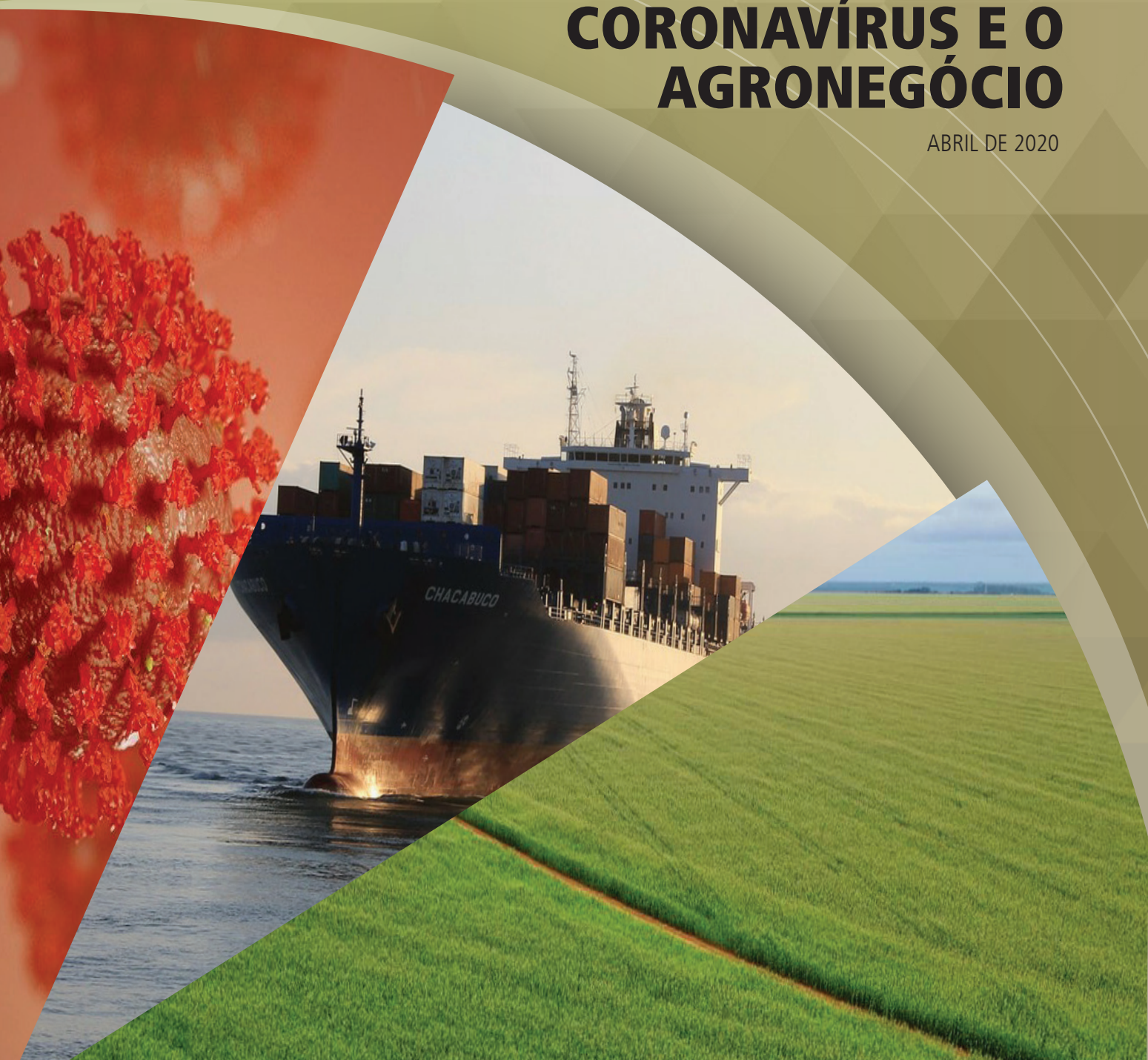




ESPECIAL CORONAVÍRUS E O AGRONEGÓCIO

ABRIL DE 2020



Edição e Síntese:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros
Nicole Rennó Castro

Cadeias Pecuárias:

Caio Monteiro
Juliana Ferraz
Natália Grigol
Regina Mazzini
Thiago Bernardino de Carvalho

Grãos:

Lucilio Rogerio Aparecido Alves

Insumos:

Mauro Osaki

Contribuíram:

Margarete Boteon
Mirian Bachhi

Jornalista responsável:

Alessandra da Paz (Mtb: 49.148)

Revisão:

Alessandra da Paz (Mtb: 49.148)
Bruna Sampaio (Mtb: 79.466)
Flávia Gutierrez (Mtb: 53.681)
Nádia Zanirato (Mtb: 81.086)

Diagramação:

Bruna Sampaio (Mtb: 79.466)

Fotos:

Edmar Klein
Luciano Daroit
Pixabay.com

Data de publicação: 7 de abril de 2020

Sobre o estudo: ESPECIAL CORONAVÍRUS E O AGRONEGÓCIO

Este material foi escrito por pesquisadores do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, e mostra os principais impactos atuais e esperados no médio prazo do coronavírus sobre algumas cadeias do agronegócio. Num primeiro momento, é apresentado um resumo das análises detalhadas feitas pelas respectivas equipes do Cepea. As análises completas das cadeias, por sua vez, estão na parte final deste material. O Cepea irá continuar a apresentar periodicamente análises sobre vários aspectos do agronegócio diante da crise mundial provocada pela pandemia do coronavírus.



SÍNTESE

Setores do agronegócio mais dependentes da demanda doméstica devem ser os mais prejudicados pelos efeitos do coronavírus¹

Os resultados da agropecuária, e do agronegócio de um modo geral, já são usualmente atrelados a diversos fatores de incerteza, envolvendo expressivas flutuações de mercado, mudanças em políticas agrícolas e comerciais interna e externamente e em regulações, além da dependência intrínseca desse setor em relação ao clima. A pandemia do coronavírus – e as consequentes medidas sanitárias e econômicas –, por sua vez, adiciona um novo e alto grau de incerteza aos cenários prospectivos das cadeias do agronegócio.

Esse especial temático elaborado por pesquisadores do Cepea trata dos efeitos do coronavírus sobre as principais cadeias do setor, avaliando seu impacto atual e os cenários que podem ser traçados para o médio prazo a partir dos fundamentos de oferta e demanda e considerando questões sobre custos de produção e logísticas e de abastecimento.

No contexto da demanda doméstica, no último Boletim Focus, do Banco Central, a previsão do crescimento do PIB brasileiro em 2020 foi novamente revisada para baixo, para

uma retração de 1,18%². Então, a retomada, ainda que lenta, que era esperada para a economia, não irá acontecer. O emprego e o poder de compra da população continuarão comprometidos e, com isso, a demanda doméstica seguirá como um desafio para algumas cadeias do agronegócio. Além disso, com o isolamento da população e o fechamento de redes de serviço e alimentação, há mudanças na forma e nos canais de consumo, que também afetam o setor.

No caso da demanda para exportações, os efeitos negativos do coronavírus sobre a demanda internacional devem ser contrabalanceados em alguma medida pelo esperado elevado patamar do dólar ao longo do ano – taxa de câmbio-fim de período esperada de 4,5 R\$/US\$¹. Por enquanto, segundo Boletim CNA³, o comércio de grãos, alimentos e óleos que são destinados à China teve aumento de 9,7% nos meses de janeiro e fevereiro, período em que a epidemia atingia fortemente aquele país. Além disso, ainda são importantes os efeitos sobre a demanda internacional de carnes da Peste Suína Africana (PSA).

¹ Síntese preparada pela pesquisadora do Cepea Nicole Rennó Castro. Além disso, contribuíram para esta síntese as pesquisadoras do Cepea e professoras da Esalq/USP Margarete Boteon e Mirian Bacchi.

² <https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20200403.pdf>

³ <https://www.cnabrazil.org.br/noticias/boletim-cna-impacto-do-coronavirus>



CEPEA

Até o momento, então, como as exportações vão bem e o dólar elevado favorece a receita do exportador, a perspectiva é que os setores ou estabelecimentos mais dependentes da demanda doméstica sejam os mais afetados. Sabe-se que esse efeito da rápida desaceleração da economia brasileira que se desdobra não será homogêneo entre os setores e os agentes do agronegócio. Em especial, produtos de maior valor agregado, os que não sejam essenciais (aqueles com maior elasticidade-renda) e aqueles mais perecíveis sentirão com mais força a retração do poder de compra da população e as mudanças na forma de consumo.

No caso da **bovinocultura leiteira**, com produção enxuta, antes do anúncio da pandemia do coronavírus, a expectativa era de preços em alta nos próximos meses. Em um primeiro momento, essa perspectiva ganhou força, devido ao aumento acelerado da demanda na segunda quinzena de março. As recomendações de isolamento e a necessidade de menor circulação geraram incertezas nos consumidores acerca da manutenção do abastecimento e redes atacadistas e varejistas intensificaram a procura por derivados, em especial do leite UHT. Já no médio prazo, os consumos de queijos (que respondem por mais de 30% da alocação do leite nas indústrias) e de grande parte dos derivados lácteos, produtos de maior valor agregado, devem cair drasticamente, e a queda esperada de faturamento das indústrias será transmitida aos produtores.

No caso da **bovinocultura de corte**, embora o mercado doméstico represente 75% das vendas da carne, as exportações estão firmes e a oferta de animais para abate, restrita – o que pode impedir quedas significativas de preços na cadeia. Para a cadeia **suinícola**, o ritmo aquecido de exportações da carne e as perspectivas de poucas alterações no consumo do lar também devem impedir quedas

mais acentuadas dos preços. A elevada competitividade da proteína de **frango** frente às principais carnes concorrentes, bovina e suína, pode elevar os preços dos produtos de origem avícola num primeiro momento; mas os efeitos das suspensões das aulas (que reduzem a procura para merendas escolares) e da queda na demanda no mercado de food service podem exercer pressão sobre as cotações domésticas.

Em geral, considerando-se as elasticidades-renda para as cadeias da pecuária, a retração da economia brasileira pode acabar favorecendo o consumo de leite e da carne de frango, porém, impactar negativamente nas cadeias de carne bovina e suína e na produção de queijos. Todavia, no caso das carnes suína e bovina, as exportações devem impedir que um cenário mais crítico se forme, como já ocorreu em 2019.

Quanto aos **grãos**, até o momento, com a desvalorização do Real e a demanda firme por milho, soja e derivados, as exportações seguem aquecidas e os preços internos, em elevação. O Brasil também foi beneficiado por paralisações de unidades portuárias na Argentina, fazendo com que a demanda se deslocasse para os produtos nacionais. Apesar de algumas incertezas, as atividades de colheita, semeio e exportação aparentemente estão normalizadas e seguem a todo vapor. No médio prazo, o menor crescimento mundial deve pressionar as cotações internacionais, que devem ser transmitidas ao Brasil. Contudo, o impacto poderá ser menos intenso em caso de continuidade da desvalorização cambial ou de maior demanda externa pelos produtos brasileiros, reduzindo o excedente interno. Ainda nesse cenário, tem-se que a desvalorização cambial implica em maiores custos para produtos importados, como trigo e insumos agropecuários (que já estão em alta expressiva).

As medidas de restrição da circulação de pessoas, com dificuldades para as feiras, mercados institucionais e restaurantes, influencia-



ram diretamente e negativamente a demanda de frutas e hortaliças. Os impactos mais negativos foram para produtos mais perecíveis (como folhosas, tomate, banana e manga) e, além disso, para pequenos produtores e agricultores familiares que dependem de uma cadeia mais longa de comercialização e estão apresentando dificuldades logísticas. Para grandes produtores da cadeia de HF de modo geral, que atendem boxes do Ceasa e supermercados, pode-se dizer que está havendo escoamento quase com normalidade – então, não se visualizam problemas de abastecimento do consumidor, mas, sim, dificuldades para os pequenos/médios produtores de HFs. No médio prazo, há, no entanto, preocupações de que as dificuldades e incertezas atuais impliquem em menor área plantada e, consequentemente, menor oferta nos próximos meses.

Até o momento, o setor com maiores prejuízos é o de flores – com grande perda da produção diante da paralisação da demanda.

Destaca-se, também, o caso do etanol. O período anterior ao da pandemia foi marcado por grande otimismo no setor, já

que o início do Programa Renovabio foi estabelecido para janeiro. No entanto, a queda abrupta e intensa dos preços do petróleo devido ao embate entre Rússia e Arábia Saudita – que reduz a competitividade do etanol – e as estratégias de isolamento decorrentes do coronavírus têm exercido impacto negativo expressivo sobre a demanda de combustíveis. Começa a se desdobrar uma crise no setor.

Em geral, os setores mais vulneráveis e que merecem atenção especial são o de leite, de hortifrutícolas, sobretudo os mais perecíveis (como folhosas, tomate, banana e manga), de floricultura e de biocombustíveis, além de algumas agroindústrias mais focadas no mercado interno, como a têxtil-vestuarista, de calçados e de móveis. Ressalta-se que, independentemente do setor, os agentes e estabelecimentos de pequeno e médio portes, que usualmente detêm uma menor margem de manobra para sobreviver a momentos de crise, deverão sentir com mais força o efeito da pandemia. As próximas seções apresentam análises detalhadas sobre as cadeias da pecuária, os grãos e os insumos agropecuários.





CADEIAS, PECUÁRIAS

Por Caio Monteiro, Juliana Ferraz, Natália Grigol, Regina Mazzini e Thiago Bernardino de Carvalho

1.1. Preços do leite no campo devem se manter sustentados no curto prazo

A crise do coronavírus se dá, para o setor lácteo, num momento atípico de preços elevados no campo por conta da oferta enxuta. O agravamento da pandemia pode acentuar a tendência altista por causar um choque de demanda, pelo menos no curtíssimo prazo.

O primeiro trimestre do ano, período sazonal de safra, foi marcado pela oferta limitada de leite e acirramento na disputa entre indústrias para a compra de matéria-prima. A instabilidade climática e as fortes variações nos regimes de chuvas durante a última primavera e neste verão prejudicaram o crescimento da atividade⁴. Ao mesmo tempo, a valorização do dólar desestimulou importações de lácteos pelas indústrias. Com produção enxuta, a expectativa antes do anúncio da pandemia do coronavírus era de que o movimento de alta de preços no campo continuasse em abril.

De um lado, essa perspectiva ganha força dado o aumento acelerado da demanda

na segunda quinzena de março por leite UHT. As recomendações de isolamento e a necessidade de menor circulação geraram incertezas nos consumidores acerca da manutenção do abastecimento e as redes atacadistas e varejistas intensificaram a procura pelo derivado a partir de 17 de março. Assim, de 2 a 31 de março, o preço do leite UHT recebido pelas indústrias em negociações no estado de São Paulo saltou de R\$ 2,46/litro para R\$ 3,06/litro, avanço significativo de 24,8%. No entanto, impor novas altas aos canais de distribuição se tornou mais difícil a partir de 26 de março, quando a demanda das redes atacadistas e varejistas deu sinais de estabilização frente aos preços das gôndolas.

Por outro lado, com o isolamento da população e fechamento de redes de serviço e alimentação, o consumo de lácteos refrigerados como queijos – que respondem por mais de 30% da alocação do leite nas indústrias – foi muito prejudicado. A pesquisa di-

⁴ Os menores níveis de investimentos de longo prazo dentro da porteira, a alta no preço do concentrado e o aumento do abate de vacas leiteiras também influenciaram negativamente a produção nos últimos meses.



CEPEA

ária do Cepea mostrou que o preço médio da muçarela recebido pelas indústrias em negociações no estado de São Paulo caiu 0,97% em março. A dificuldade de escoamento de queijos coloca em risco o faturamento de pequenas e médias indústrias. Na semana passada, algumas já paralisaram suas atividades e suspenderam a compra de leite no campo.

A generalização desse cenário pode intensificar a queda de preços da muçarela. Mas os impactos serão sentidos em toda a cadeia láctea, pois o mercado de queijos é um dos mais dinâmicos do setor, devido às baixas barreiras à entrada, e funciona como um equilibrador da oferta no campo – afetando o mercado do leite spot (negociação entre indústrias). Os preços do leite spot em Minas Gerais caíram 4,4% neste início de primeira quinzena de abril, diante da

incerteza dos agentes em se arriscar a recompor estoques num contexto em que não há boas perspectivas para o consumo de longo prazo, em decorrência da diminuição da renda da população.

Assim, a diminuição no consumo de queijos e a saída de players do mercado podem resultar em um cenário em que a oferta de leite no campo vai superar a demanda. Isso pode gerar um efeito em cascata, levando à redução dos preços no campo e à volatilidade das cotações.

Nesse sentido, previsões sobre a captação de leite em abril e o comportamento das cotações em maio ficam difíceis, pois o processo de formação de preços ao produtor ocorre a partir da venda dos derivados. E, neste momento, o longo horizonte de incerteza pode incentivar agentes de indústrias a tomar decisões focados no curtíssimo prazo.

1.2 Preços da pecuária de corte devem oscilar no curto prazo

O impacto do coronavírus sobre a pecuária de corte traz a necessidade de se fazer uma análise de curto e longo prazos. Em se tratando de preços, o mercado de carne bovina tem sua formação em duas frentes: mercados interno e externo. Para as exportações, que representam 25% das vendas brasileiras, os preços já vinham recuando desde o início deste ano. A retração de preços, por outro lado, acabou ajudando a manter os volumes de embarques altos e, com isso, manter os valores da arroba firmes no mercado doméstico.

No encerramento de março, contudo, o cenário voltou a se alterar. Neste caso, o aquecimento da demanda do varejista no mercado atacadista, no intuito de abastecer os supermercados, resultou em novo movimento de elevação nos preços da arroba, que acabaram recuperando as perdas regis-

tradas em meados do mês. A demanda para exportação também seguiu dando sustentação às compras de animais a preços maiores.

Agora, o grande desafio será em relação às próximas semanas. Deverá haver muita oscilação de preços, entre a indústria que consegue escoar sua produção ao mercado internacional e as que atuam apenas no doméstico. Pecuáristas que possuem condição de pasto favorável conseguirão manter seus animais, esperando preços maiores, enquanto outros irão operar com valores mais baixos, resultando em oscilação no mercado.

Nesse cenário, os preços do boi gordo podem se enfraquecer nas próximas semanas e os da carne bovina devem seguir a tendência já observada nas demais proteínas – suína e de frango –, que apresentam desde março.

O cenário de mercado futuro do boi,



CEPEA

inclusive, já reflete o cenário do físico. Enquanto no início do ano os contratos com vencimentos em novembro/dezembro eram negociados por volta de R\$ 220,00/arroba na B3, no final de março, passaram para R\$ 192,00.

Assim, o setor pecuário pode ter como aprendizado o ano de 2017, quando a operação “Carne Fraca” e a delação da maior indústria frigorífica do País desestabilizaram agentes da cadeia. Esse contexto resultou em fortes quedas nos preços do boi gordo entre o final do primeiro semestre e início da segunda metade daquele ano. Como consequência, muitos pecuaristas deixaram de confinar seus animais a partir de maio/junho, limitando a oferta entre agosto e setembro e elevando os preços da arroba a partir de então.

Esse cenário pode ser repetido em 2020, tendo em vista que a possível menor liquidez no longo prazo e os preços recordes nominais do milho e da soja podem desestimular pecuaristas e confinadores neste momento – que é de decisão sobre o volume a ser confinado. Caso isso se confirme, os valores da arroba novamente poderiam se sustentar no segundo semestre, diante da baixa oferta.

Em relação ao abastecimento, grandes frigoríficos, que possuem suas carteiras de clientes as grandes redes de supermercado e atacados, deverão se manter no mercado ofertando produto, mesmo com o fechamento de algumas plantas, devido a férias coletivas. Pequenos e médios terão um grande desafio pela frente: atender ao pequeno e médio varejos desde que estes não estejam fechados. Já há relatos de devolução de mercadorias e não permissão de entrega para restaurantes e bares. Muitos destes estabelecimentos são abastecidos por pequenos e médios frigoríficos.

As exportações de proteína animal (carnes bovina, suína e frango) se mantiveram firmes no primeiro trimestre deste ano, apesar da demora no retorno de contêineres vindos da China. A expectativa de agentes do setor é de que, com a redução de casos de coronavírus na China, o comércio não deverá ser muito afetado. Resta saber em relação aos demais mercados compradores e o fechamento de suas fronteiras para além de indivíduos. A Europa está entre os 10 maiores compradores da carne bovina brasileira e a crise pela qual está passando deverá reduzir as aquisições da proteína.

1.3. Preços de suínos e de aves devem oscilar nas próximas semanas

No geral, espera-se que os preços do suíno vivo e da carne oscilem nas próximas semanas. As redes atacadistas tendem a intensificar a procura por carnes, devido à necessidade de recompor estoques, dado o desabastecimento do varejo em função da elevada procura da população nos supermercados. Apesar do ritmo de negócios aquecido e da expectativa de que o consumo no lar se mantenha praticamente estável, esse movimento, porém, pode não ser suficiente para sustentar os preços domésticos, especialmente na segunda quinzena de abril.

Com a menor demanda pela proteína no mercado de food service, frigoríficos devem limitar as aquisições de novos lotes de animais para abate, pressionando, assim, os valores do suíno vivo. A dificuldade em manter os lotes de animais nas granjas, em decorrência dos altos patamares de preços dos insumos, também deve fazer com que produtores cedam, reforçando a queda nas cotações do animal.

Em relação às exportações, o setor suinícola segue embarcando com ritmo aquecido. Vale lembrar que o fortalecimento do



CEPEA

dólar tende a deixar produtos nacionais mais competitivos no mercado internacional, contribuindo com as vendas brasileiras. A China, principal compradora das proteínas suína e de frango, ainda sofre os efeitos da Peste Suína Africana (PSA) e dos recentes surtos de gripe aviária. O país asiático demonstra já ter passado pela fase mais aguda da crise provocada pelo novo coronavírus, e começa a retomar suas atividades e, com isso, o Brasil deve continuar se beneficiando das exportações.

No mercado de frango, o movimento tende a ser similar ao do mercado de suínos. A necessidade de abastecimento do varejo por conta do coronavírus e a elevada competitividade da proteína de frango frente às principais concorrentes (bovina e suína) podem elevar os preços dos produtos de origem avícola num primeiro momento, especialmente os dos cortes. Em um segundo momento, por outro lado, as suspensões das aulas, que reduzem a procura pela carne avícola para merendas escolares, e a queda na demanda no mercado de

food service tendem a pressionar as cotações.

A maior parte dos agentes do setor, no entanto, acredita que o ritmo de negócios de atacadistas e varejistas deva seguir dentro de uma relativa normalidade, sendo as baixas um movimento de ajuste do próprio mercado. Como o ciclo do animal é curto, espera-se que, em caso de sobreoferta, a estratégia da indústria seja de reduzir o alojamento de pintainhos, a fim de ajustar a quantidade de animais para abate. Já as exportações nacionais de frango geram certa apreensão no setor e devem condicionar as expectativas dos agentes nos próximos dias.

De um modo geral, mesmo com entidades dos setores de suínos e aves sinalizando que a indústria não planeja cortar a produção por conta do novo coronavírus e de que a logística de cargas não deve ser afetada, a expectativa do setor está abalada. A preocupação dos agentes é com o desgaste desses mercados, dada a instabilidade do cenário macroeconômico e da consequente incerteza sobre os impactos desta pandemia.

1.4. Elasticidade-renda da despesa com proteínas – consumo interno

Cálculos de elasticidade-renda feitos com base em dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (POF/IBGE), realizada entre

2017 e 2018, mostram uma mudança de comportamento das carnes, em relação à penúltima POF (2007/2008), como mostra a tabela abaixo.

	2007/08	2017/18
Bovina	0,35	0,41
Frango	0,128	0,073
Suína	0,594	0,286
Leite	0,49	0,44



CEPEA

A Tabela acima mostra que a elasticidade-média de carne bovina no Brasil é de 0,41. Isso significa que, para cada 1% de aumento na renda do brasileiro, o dispêndio com carne bovina sobe 0,41%.

Como comparação, o coeficiente da pesquisa anterior da POF/IBGE, realizada entre 2008 e 2009, era de 0,35 para carne bovina. Ou seja, houve aumento do coeficiente, sinalizando que qualquer efeito positivo na renda do brasileiro resulta em crescimento um pouco maior nas despesas com carne bovina.

Agora, separando os coeficientes entre as carnes bovinas de primeira e de segunda, os dados mais recentes do IBGE ficaram em, respectivamente, 0,60 e 0,28. Ou seja, com o aumento de 1% da renda do brasileiro, os gastos com a carne de primeira sobem 0,6% e os com a de segunda, 0,28%.

Tendo-se como base a POF/IBGE anterior, de 2008/2009, os coeficientes para as carnes de primeira e de segunda estiveram, respec-

tivamente, em 0,63 e em 0,17. Para a carne de primeira, houve recuo, o que indica uma busca por mais qualidade e permanência no padrão de consumo. Já para a de segunda, o coeficiente aumentou, mostrando a valorização dessa proteína, seja pelo aumento de qualidade, seja pelo reflexo da piora da renda por parte da população mais carente, que busca, num primeiro momento, a carne mais barata, que é a de segunda.

Para as demais proteínas, houve movimento contrário, ou seja, uma redução em 10 anos. Para leites e derivados, esse coeficiente é de 0,44 (2017/2018). Somente para o leite de vaca, a elasticidade é negativa, de -0,27, ou seja, com o aumento da renda, se reduz as despesas com leite de vaca. Para o queijo, já é o contrário, o coeficiente é de 0,68.

Nesse sentido, com retrações da economia, do emprego e da renda, os consumos de leite de vaca e de carne de frango devem ter incremento, ao passo que a procura por proteínas bovina e suína e a por queijos devem cair.

1.5. Os custos das diversas cadeias de produção pecuária

Diante do atual cenário, os custos de produção das diversas cadeias de produção pecuária tendem a subir no médio prazo, uma vez que a expressiva valorização do dólar frente ao Real encarece o custo da importação de muitos ingredientes utilizados pelas indústrias produtoras de insumos. Dentre os produtos afetados destacam-se os núcleos e suplementos minerais, algumas classes de medicamentos, adubos fosfatados, adubos nitrogenados e os defensivos agrícolas.

Em relação à nutrição dos animais, o preço das rações também deve chamar atenção nos curto e médio prazos. As cotações da soja e do milho seguem em alta e o patamar da moeda norte-americana em relação ao Real deve favorecer as exportações brasileiras desses grãos. Cabe ao produtor o planejamento e a gestão dos custos e estar atento às oportunidades oferecidas no mercado para sua proteção em relação aos riscos de preços.



GRÃOS

Por Lucílio Rogério Aparecido Alves

O mês de março é considerado de pico de colheita de grãos de primeira safra no Brasil. Ao mesmo tempo, há semente e/ou tratamentos culturais de lavouras de segunda safra. Assim, o período foi de ajustar os pagamentos de custeio e de despesas operacionais da primeira safra, decidindo, também, sobre a comercialização neste momento ou pela postergação. Para a segunda safra, produtores voltam-se mais para a decisão quanto à comercialização antecipada ou se aguardam mais um pouco para novos negócios.

A valorização do dólar frente ao Real está elevando os preços de produtos exportáveis no Brasil, como soja e derivados. Ao mesmo tempo, implica em maiores custos para produtos importados, como trigo e insumos agropecuários.

E o que esperar para as próximas semanas ou meses? De imediato, havia sinalizações de interesses de agentes por paralisações de unidades agroindustriais. No entanto, a situação está relativamente normal, com ajustes operacionais e fornecimento normal de alimentos. A demanda por milho, soja e derivados segue firme. Juntamente com a maior deman-

da externa, os preços seguem em elevação.

Além disso, como forma de combater o avanço do coronavírus, o governo argentino limitou o movimento nos portos do país, cenário que tem favorecido o Brasil, tendo em vista que demanda se deslocou aos produtos nacionais. Estivadores brasileiros também divulgaram demandas ao governo, sinalizando paralisações caso as mesmas não sejam atendidas, mas parece que, aos poucos, também as atividades se normalizaram. Agora, exportadores brasileiros não estão conseguindo novas agendas de embarques para o primeiro semestre, ou seja, as atividades seguem a todo vapor.

Também há negociações antecipadas para o segundo semestre para soja, derivados e milho, com agentes aproveitando os atuais níveis de preços – que atingiram recordes nominais no caso da soja negociada em Paranaguá (PR) e do milho em Campinas (SP). Na prática, já há concorrência de espaços nos portos entre soja e milho no segundo semestre.

De qualquer forma, a redução da atividade econômica brasileira deverá ter impactos negativos também sobre a demanda de pro-



CEPEA

duto da agropecuária. O menor crescimento mundial deve pressionar as cotações internacionais, que devem ser transmitidas ao Brasil. O impacto poderá ser menos intenso em caso de continuidade da desvalorização do dólar ou de maior demanda externa pelos produtos brasileiros, reduzindo o excedente interno.

Mas o que alivia o lado vendedor pode

ser prejudicial quando se avaliam as compras dos insumos, que já estão em alta expressiva. Os investimentos de produtores em máquinas e equipamentos também devem diminuir o ímpeto. Para custeio, resta saber que o crédito chegará a taxas menores aos produtores. Também não há sinalização, até o momento, de postergação de pagamentos de custeios da temporada 2019/20.



INSUMOS

Por Mauro Osaki

Em decorrência da pandemia de coronavírus, produtores agrícolas de regiões em que a colheita da soja ainda está acontecendo (como em Luís Eduardo Magalhães, na Bahia, e Balsas, no Maranhão) estão receosos quanto ao abastecimento de insumos e de diesel nas fazendas para o final desta safra. Além disso, estes agricultores vêm tentando

adiantar as negociações para a temporada 2020/21, diante da possibilidade de cessarem as atividades logísticas de entrega. O mesmo foi observado no Sul do País, onde já é especulada a possibilidade de atrasos nas entregas de defensivos agrícolas e fertilizantes.

Nesse contexto logístico, as transportadoras afirmaram que estão cumprindo com os



CEPEA

contratos e a medida de precaução tomada foi para que caminhoneiros no grupo de risco (acima de 60 anos, por exemplo) se resguardassem.

Com relação à forte valorização do dólar frente ao Real entre fevereiro/20 e março/20, esta fez com que a comercialização de fertilizantes para a próxima safra – que, anteriormente, estava em ritmo aquecido – estagnasse nas principais regiões produtoras do Centro-Sul. Do lado das revendas, estas estão funcionando remotamente, e muitas suspenderam as listas em Reais de defensivos e só estão negociando os insumos em dólar. Outras que chegaram a travar negócios antes da alta da moeda norte-americana já estão recebendo pedidos para re-negociação por parte dos produtores. Algumas, ainda, fecharam negócios com base nas cotações de janeiro/20 e, com isso, terão problemas para repassar o valor para as multinacionais.

Por outro lado, a valorização da mo-

eda norte-americana vem impulsionando as cotações da soja e, com isso, muitos produtores estão aproveitando o momento para comercializar a produção atual e a futura, a fim de garantir uma margem positiva, visto que, provavelmente, o custo para a próxima temporada deverá sofrer forte reajuste.

As atividades de colheita e semeio, por sua vez, ocorrem dentro da normalidade. Porém, as equipes no campo já foram treinadas para redobrar os cuidados com higiene pessoal e contato interpessoal. Além disso, implementos de uso em comum estão sendo diariamente higienizados para maior segurança das equipes. Outro cuidado que vem sendo tomado nas propriedades é a proibição de terceiros nas fazendas. Embora essas precauções venham sendo tomadas, começaram a surgir casos pontuais de operadores querendo que as atividades sejam postergadas.



CEPEA